



## VIII CONGRESSO PORTUGUÊS DE SOCIOLOGIA

### 40 anos de democracias: progressos, contradições e prospetivas

---

ÁREA TEMÁTICA: Sexualidade e Género [ST]

---

#### **ENTRE “SAPOS” E “PRINCESAS”: MODOS, TEMPOS E ESPAÇOS DE VIVÊNCIA *CROSS-DRESSING***

---

---

SALEIRO, Sandra Palma

Doutoramento em Sociologia

CIES-IUL

[sandra.saleiro@iscte.pt](mailto:sandra.saleiro@iscte.pt)

---



### Resumo

Na sociedade portuguesa a vivência de género fora da prescrita no tradicional sistema dos dois sexos/géneros é ainda um fenómeno social largamente invisível e desconhecido. Ao nível das ciências sociais, e especificamente na sociologia portuguesa, só muito recentemente começou a ser objeto de interesse. Uma das pesquisas pioneiras na exploração deste objeto foi o projeto “Transexualidade e Transgénero: Identidades e Expressões de género”, desenvolvido no CIES-IUL, com financiamento da Fundação para a Ciência e a Tecnologia (FCT), que implicou entrevistas em profundidade, inquéritos por questionário e incursões etnográficas em espaços frequentados por pessoas de expressão trans. Uma das formas de transgénero identificadas é aquela que as próprias pessoas que nela se incluem reconhecem como “*cross-dressing*”. Trata-se de pessoas a quem foi atribuído à nascença o sexo masculino, que não rejeitam a sua identidade legal e social como homens e que expressam a feminilidade, de uma forma não permanente, na modalidade de “oscilação” de género (Ekins e King, 2006), na maioria dos casos em privado, sendo escassas ou mesmo nulas as aparições em público. Neste *paper* exploraremos os modos, tempos e espaços de vivência *cross-dressing*, entre os “sapos” (a identidade masculina) e as “princesas” (a feminina), destacando os desafios que coloca ao modelo de sexo/género dominante e os seus contributos para a identificação e compreensão da diversidade contida no transgénero.

### Abstract

In Portuguese society the experience of gender outside the traditional two sex/gender system is still a largely invisible and unknown social phenomenon. In the social sciences, and particularly in the Portuguese sociology, only recently this phenomenon began to be an object of interest. One of the first approaches to the topic within the field of the social sciences in Portugal was the research project ‘Transsexuality and Transgender: Gender Identities and Expressions of Gender’, which was undertaken at CIES-IUL, with funding from the Portuguese Foundation for Science and Technology (FCT). The research involved in-depth interviews and a survey with trans people and ethnographic incursions into spaces frequented by them. A mode of transgender that emerged was one in which the people themselves recognize as “cross-dressing”. This includes people who were assigned male at birth; don’t reject the legal and social identity of “man”; and express their femininity on a non-permanent basis, in the modality of gender “oscillating” (Ekins & King, 2006), mostly in private, with few or even none public appearances. In this paper we aim to explore the modes, times and places of cross-dressing, among the “toads” (male identity) and “princesses” (female), highlighting the challenges that cross-dressing poses to the dominant sex/gender model and stressing the contributions of this mode of (trans)gender to the identification and understanding of the diversity contained in the “transgender”.

Palavras-chave: Género; Transgénero; *Cross-dressing*

Keywords: Gender; Transgender; Cross-dressing



## 1. A sociologia e o (trans)género

A atenção às pessoas que se situam, de algum modo, fora do sistema binário de sexo/género dominante foi negligenciada na sociologia até praticamente aos anos 1990 (à exceção de Garfinkel, 1967). Nos anos mais recentes, sobretudo já a partir do presente século, a entrada em campo desta disciplina veio contribuir para colocar em jogo análises e interpretações alternativas e concorrentes das principais “leituras” disponíveis sobre o fenómeno: a do “senso comum” enraizada no desconhecimento de uma realidade ainda bastante invisível e, quando visível, “estranha” e “estranhada”, onde se confunde frequentemente “identidade de género” e “orientação sexual”; e a da medicina, que tem produzido, pese embora os recentes e assinaláveis progressos<sup>1</sup>, leituras patologizantes e homogeneizantes, ao modo dos diagnósticos.

Efetivamente, podemos considerar que, ainda hoje, a “epistemologia dominante do transgénero” (Hines, 2007) é a originada e legitimada pelas ciências psico-médicas, que reduz todas as formas de género trans à modalidade “transexualidade” e, esta última, a uma conceção padronizada e padronizadora, a que chamamos a “narrativa clássica da transexualidade” (Saleiro, 2013).

As mais recentes propostas da sociologia no estudo do transgénero apontam a identificação da “diversidade” dentro da “diversidade de género” (Monro, 2010) ou dos “distintos posicionamentos de (trans)género” (Hines, 2010: 600) como um dos principais modos da disciplina contribuir para a compreensão do fenómeno. Assim, um dos objetivos principais da pesquisa empreendida a que nos referimos no resumo passou precisamente por mapear a diversidade de identidades e expressões de (trans)género existentes no contexto nacional.

Um dos modos de transgénero que emergiu foi aquele que as próprias pessoas que nele se incluem reconhecem como “*cross-dressing*” e que constitui um dos mais invisíveis na sociedade portuguesa. Para esta categoria de género não existem estruturas organizadas, na lógica de associações, nem integração nas LGBT existentes, nem espaços físicos de frequência regular, não fazendo também parte dos espaços médicos. Este modo de (trans)género consta nos manuais das doenças mentais, nomeadamente no DSM 5 da APA – Associação Americana de Psiquiatria (2013), na forma de “*transvestic disorder*”. Aí surge no grupo das “parafilias”, a par com, por exemplo, a pedofilia e o exibicionismo. No entanto, ao contrário da “transexualidade”, o discurso e a prática psico-médicos não parecem ter acolhimento entre os seus protagonistas, que constroem e partilham os significados deste modo de vivência de género entre pares, sobretudo a partir das possibilidades oferecidas pela internet.

Este é pois um modo de (trans)género a que não é fácil aceder, já que frequentemente não sai da esfera privada, passando, quando muito, para as redes sociais na internet. Exceção são as “saídas” organizadas coletivamente por e para pessoas *cross-dresser* que se realizam com periodicidade variável em Lisboa ou na margem sul em zonas e estabelecimentos considerados *trans-friendly* (nomeadamente a do Príncipe Real em Lisboa e um ou outro estabelecimento da margem sul). Enquanto as “saídas” registam presenças ao nível da dezena, uma base de dados (2008-2011), constituída por uma das participantes no estudo desta expressão de género, a partir de contactos com outras pessoas que se auto-reconhecem e que frequentam as redes sociais como *cross-dresser*, contabiliza 364 sujeitos. Este será pois, aproximadamente, o número de pessoas que fizeram o seu *coming out* virtual como *cross-dresser*.

Desta categoria de (trans)género recolhemos formalmente informação de onze pessoas. Todas responderam ao inquérito por questionário lançado no âmbito do projeto de investigação e oito foram entrevistadas. Das três pessoas não entrevistadas obtivemos informação adicional, através de contactos posteriores via *mail* e de pequenas biografias enviadas. À informação formalmente recolhida acresce ainda a obtida por via das incursões etnográficas, nomeadamente pela participação nas “saídas”, onde tivemos oportunidade de conversar, por vezes prolongadamente, quase numa lógica de entrevista informal, com algumas pessoas e de interagir pontualmente com outras.

## 2. Modo de (trans)gênero: “oscilação” de gênero

A principal característica deste modo de transgênero é a “oscilação” (Ekins e King, 2006) entre a expressão da masculinidade e a expressão da feminilidade ou, mais comumente, a expressão da masculinidade com incursões mais ou menos prolongadas, mais ou menos frequentes, pela feminilidade, sobretudo em privado, sendo escassas ou menos nulas as aparições em público. Outra das características é que essas incursões episódicas na feminilidade não afetam ou transparecem na expressão da masculinidade. Estas pessoas são socialmente reconhecidas como homens, identidade com que, em geral, se identificam ou, no mínimo, não rejeitam para si. A expressão do “outro” gênero não surge com a onnipresença com que é narrada noutras formas trans, sendo concretizado numa base não permanente e cuidadosamente planeada.

Todas as pessoas inquiridas se auto-identificaram como *cross-dresser* e apenas três não elegeram essa como a sua identidade de gênero principal (tendo-se auto-identificado duas principalmente como “homem” e uma como “travesti”), não surgindo grandes dúvidas ou hesitações no seu reconhecimento nem sequer diferentes conteúdos para a categoria.

“Eu identifico-me como aquilo que, de há uns anos para cá, se costuma chamar um *cross-dresser*, o que é, para mim, distinto de outras designações, classificações aparentadas como travesti, transexual, e para mim isso é bem claro. Portanto, sou um *cross-dresser*, no sentido de que sou uma pessoa que, vivendo a minha vida normal como homem, perante a sociedade sou um homem, mas que tenho uma necessidade que satisfaço, grande parte das vezes em privado, mas não necessariamente só em privado de, eu não diria só de vestir, porque *cross-dresser* para mim é um bocado redutor. Porque, de facto, para mim, vai bastante para além do vestir, é o vestir e é o poder comportar-me como uma mulher e ser visto como tal. Em traços muito largos é isto.” (Elisa<sup>ii</sup>, 46 anos)

“[Identifico-me como] *Cross-dresser*, é isso. Nós todos começamos logo em pequeninos a vestir as roupas das mães, depois, mais tarde, é as roupas das mulheres, normalmente é assim que nos identificamos... se calhar distinguimo-nos um bocado dos travestis, somos da família dos travestis, e às vezes para evitar certas confusões... normalmente um travesti é logo visto como uma pessoa que se prostitui, uma pessoa que faz vida disso todos os dias, e nós não, nós só fazemos de vez em quando, e no dia-a-dia somos homens normais como os outros e quase que podemos dizer que temos duas personalidades, quando não estamos normais, digamos assim, que estamos vestidos de mulher, tentamos fazer esse papel o melhor possível.” (Andrea Costa, 44 anos)

“Sou um híbrido, vivo como um masculino, mas sou um híbrido em termos de conjunto. Se me perguntar se eu me identifico com alguma categoria, então vou dizer obrigatoriamente que é masculino. Mas se houver uma palavra que se refira àquilo que realmente sinto, então direi que sou um *cross-dresser*.” (Luana, 29 anos)

Esta definição partilhada do “*cross-dressing*” pode ser efeito da homogeneidade da amostra, uma vez que a maioria das pessoas auscultadas faz parte do mesmo círculo e circuitos de vivência *cross-dressing*. Para além desta partilha a um nível mais micro, esta convergência dever-se-á à história coletiva desta categoria de transgênero, contemporânea da transexualidade, mas em que, ao contrário desta, o desenvolvimento se tem feito, como referimos, à margem da medicina, pelos próprios “membros” (Ekins e King, 2006), através de estruturas associativas, já desde o tempo da pioneira Virginia Prince<sup>iii</sup>. Em Portugal, apesar de não ter uma existência ou representação a nível formal e institucional, nem autonomamente, nem, segundo foi possível perceber, integrada no T do LGBT, tem uma existência coletiva e partilhada ao nível das redes sociais na internet (iniciada mesmo no final dos anos 1990 pelo Crossdressing Clube de Portugal e prosseguida sobretudo em “fóruns” dirigidos especificamente a esta expressão de gênero).

O *cross-dressing* não é uma “viagem” na lógica da “migração”, mas do “turismo” (Ekins e King, 2006) de gênero. A personagem feminina é o meio utilizado para expressar o feminino interdito a uma identidade de gênero formalmente assumida e bem-sucedida da masculinidade. Se a “migração”, que caracteriza o modo transexualidade, envolve uma mudança de vida total, o “turismo” implica um afastamento temporário da vida quotidiana (idem: 98), sendo por isso associado a lazer e a experiências prazenteiras de fuga à rotina. Não é tanto algo que se é, mas algo de que se gosta e se deseja fazer. Nas “histórias de oscilação” existe menos discurso acerca de “ser” e mais acerca de “fazer”, ou seja, são, relativamente às de migração, menos “histórias de identidade” (idem: 109). Isto não significa que a expressão da feminilidade seja “descartável”,

ou apenas um passatempo, antes contribui, ou é mesmo imprescindível, para o equilíbrio e o bem-estar dos seus protagonistas.

“Seria impossível ser apenas a Verónica, mas também seria impossível ser apenas o Paulo, porque senão começava a sentir-me frustrado. Lá está, volta e meia é imperativo tornar-me a outra pessoa, não só pelo desejo que temos cá dentro, mas porque, ao fim e ao cabo, também acaba por ser um escape. [Um escape de quê?] Da nossa vida do dia-a-dia, da nossa vida diária. [Mas então é mais um *hobby*?] Não, não considero que seja um *hobby*. É mais do que isso. Está sempre cá dentro.” (Verónica, 36 anos)

“Não acho que seja um *hobby*, faz parte de mim, de vez em quando é um escape, isto vai acumulando, acumulando, e a Rafaela tem de sair para a rua de qualquer maneira... Sinto essa necessidade. E às vezes... geralmente é à sexta-feira que saio, e às vezes não me apetece, apetece-me é ir para casa, sentar-me e estar sossegado, mas começo a transformar-me e o cansaço desaparece todo, é uma nova pessoa que emerge.” (Rafaela, 47 anos)

“Não tenho a certeza em relação a isso, mas no meu ponto de vista tem que ver com o coexistir em mim, o lado masculino normal, e um lado feminino, que sente a necessidade de existir, de se exprimir, de ter um certo tempo de antena, para ter direito a viver, manifestar-se e ser feliz. E eu reconheço em mim, desde há muito tempo, a existência de um lado feminino, e este é o escape de existência desse lado feminino.” (Elisa, 46 anos)

Como está bem patente nos discursos acima expostos, o *cross-dressing* é visto como um “escape” à vida de todos os dias, mais especificamente à vivência quotidiana no modo da masculinidade. Para usufruir dos prazeres da feminilidade, sem perda dos privilégios que uma expressão cisgénero confere, e especificamente a expressão da masculinidade, há como que um “desdobramento do *self*”. Há mudança de guarda-roupa, de cenário e de papel social desempenhado – tempos, modos, espaços, redes de socialização e sociabilidade distintos. Encontramos aqui exemplos de *fluidez* e *performatividade* das identidades de género, tão exploradas nos quadros teóricos pós-modernistas e pós-estruturalistas, que são efetivamente uma realidade para alguns indivíduos. Aliás, não será por acaso que o *cross-dressing* é precisamente a forma icónica nesses quadros teóricos (Butler, 1990; Garber, 1992). Esta fluidez deve ser compreendida à luz dos constrangimentos sociais (desde logo o da feminilidade estar socialmente reservada às fêmeas e interdita, pelo menos na maioria das suas dimensões, aos machos), mas não parece também, contudo, adequada uma interpretação linear do *cross-dressing* como consequência ou resultado da impossibilidade ou dos problemas colocados à assunção permanente da feminilidade, pois a migração de género não é, em geral, desejada. O que se deseja é a possibilidade de uma maior exposição, visibilidade e partilha da expressão da feminilidade, mas sem necessariamente se prescindir da masculinidade.

“Gosto de ser aquilo que sou, esta vida quase que dupla. Para mim, ao contrário de muitas pessoas, é uma felicidade, é um orgulho, é uma vaidade, não devia ser assim, mas é. Se eu vivesse num outro mundo, diferente, se eu pudesse contar a toda a gente, eu contava, e sentia muito orgulho e vaidade nisso (...) Lá está, é a tal transformação que eu acho maravilhosa, é ser uma coisa de dia e à noite ser outra<sup>iv</sup>, é isso que eu acho bonito. Embora tenha um bocado de barriga, por exemplo, tenho um corpo que depois à noite se torna o menos masculino possível... depois é a maneira de andar, é a maneira de mexer... não posso estar de pernas abertas, digamos assim, temos que tentar ver como é que as mulheres... a postura das mulheres, isso para mim é que é bonito... nós achamos bonito...” (Andrea Costa, 44 anos)

“É mais *uma* condição, não é *a* condição. As coisas que eu faço, faço com gosto. Porque aquilo dá-me gosto, dá-me gozo e dá-me gosto.” (Luana, 29 anos)

Diferentemente do que sucede sobretudo com as mulheres transexuais, no *cross-dressing* não há o desejo de transferência para a categoria de “mulher” (cis), antes o de experienciar ser uma mulher episodicamente e em dimensões da vida delimitadas.

“[Alguma vez considerou a passagem para uma expressão mais permanente da feminilidade?] Eu pensar, pensei, mas sinceramente não sei se gostava de chegar a esse ponto, depois acaba por ser mulher todos os dias, depois perdia um bocado o interesse, o interesse está em uma pessoa se poder transformar de homem para mulher. Não, já tenho pensado, mas, sinceramente, não estou a ver. É nisto que eu sinto orgulho, e se fosse transexual já não aconteceria, seria mulher todos os dias. É isso que eu acho maravilhoso, é essa

transformação, é agora estar aqui consigo como homem e logo à noite ser outra pessoa, completamente diferente, isso é que eu acho engraçado.” (Andrea Costa, 44 anos)

“*Eu não quero ser mulher. Eu quero poder sentir-me como uma, quero poder ser uma se quiser, mas não quero transformar-me numa.*” (Guida, 35 anos)

O modo de “oscilação” pode não ser, também ele, constante e permanente ao longo da vida. Quase todas as pessoas auscultadas têm (tiveram) períodos em que a oscilação é suspensa, em que há uma tentativa de abandonar a prática através da “purga” (Girshick, 2008: 91-92) do guarda-roupa feminino: “deitar tudo fora”, “livrar-se de”. A “purga” é assim a purga de uma colocação fora da “normalidade” de género, e resulta em períodos de posicionamento exclusivo na cissexualidade. Há também ponderações de uma cessação definitiva do *cross-dressing*, dependente de fatores como a eventual perda do prazer na velhice ou a alteração das condições que permitem a prática (mudança de casa, de trabalho, maior fragilidade económica, etc.). Quando questionadas as pessoas incluídas neste modo de (trans)género acerca de se a expressão da feminilidade se irá manter ao longo da vida a resposta modal é “depende”. E depende de condições objetivas, como as logísticas para concretizar a “montagem”<sup>vi</sup> ou as económicas para a sustentar<sup>vi</sup>. Pode pois cessar, ou pelo menos isso é colocado no “campo dos possíveis”, na lógica de uma prática e menos de uma identidade.

“Ah, tudo depende. Tudo depende de, sei lá, de várias situações, por exemplo, as coisas que eu tenho posso ter no sítio onde estão, se uma pessoa de hoje para amanhã muda de casa e muda para outra que não tem essas condições... Tem a ver com as condições também. Não vou pôr aquilo dentro do meu guarda-fato, ao lado da roupa da minha esposa, não posso. Se ela tivesse abertura para aceitar, ainda podia ser. Agora assim, não sei, não posso dizer que vai existir até aos 70, 80 anos. A essa altura também já não devo ter pachorra para estar a vestir e parecer a avozinha quando é nos anos dela, que se quer maquilhar e vestir e pôr batom. Mas com 85 anos, já não fica como quando tinha 45 anos, não é? Por isso, lá está, acho que há idades para tudo.” (Joana, 41 anos)

A análise do discurso *cross-dresser* revela mais nitidamente do que outros o carácter contingente das identidades de (trans)género (Butler, 1990). Há a ideia quase generalizada de que a prática do *cross-dressing* pode não resistir à idade, não só porque o resultado pode não ser já satisfatório (sobretudo quando o “estilo de mulher” assenta mais fortemente na sensualidade), como daquilo que requer em termos de autonomia e de até de agilidade.

Mas, para além das avaliações sobre o prazer ou satisfação individual, os constrangimentos sociais, e muito especificamente aos níveis familiar e profissional, são omnipresentes na vivência deste modo de (trans)género. Tanto (para todos) para a vivência episódica da feminilidade que tem que ser pormenorizadamente planeada e acautelada e que em muitos casos inibe mesmo a saída do isolamento, como (em casos excecionais) para a assunção permanente da feminilidade (dois casos na amostra).

“Se não houvesse constrangimento nenhum, eu saía para a rua de saia e andava assim todos os dias. De manhã à noite (...) Só haveria uma coisa que eventualmente me levaria a mudar [de género], era sair-me o euromilhões ou herdar uma grande fortuna, que não tivesse que dar contas a ninguém, ficar com a subsistência garantida.” (Rafaela, 47 anos)

“Eu costumo dizer que se não fosse a minha mulher, se não fossem os meus pais, que não entenderiam isso, entravam numa depressão horrível, são muito velhotes... e mesmo alguma família, alguns amigos mais chegados, e penso até que ponto são importantes para a minha felicidade pessoal, se não fosse isso, eu não hesitava!” (Marta, 41 anos)

Este é pois um “lugar de género” que alberga, tanto ponderações para uma colocação definitiva na cissexualidade como de uma deslocação para uma expressão de género mais próxima da transexualidade.

### **3. Relação com o corpo e transformações corporais**

Na situação mais comum de ausência de uma desidentificação com a identidade masculina, não existe, nesta categoria de (trans)género, uma rejeição do corpo de macho. Não encontramos pois a “repugnância do corpo” ou o desejo de “mudança cirúrgica de sexo” que frequentemente se toma como definidor de uma identidade de género trans.



“Para mim não é possível viver só como Verónica porque me sinto bem como Paulo. Neste sentido não tem nada a ver com a transexualidade porque na transexualidade a pessoa sente-se no corpo errado, eu sinto-me bem com o meu corpo. Eu sinto-me bem como Paulo, à semelhança de outros casos que eu conheço, nós mantemos a nossa personalidade masculina.” (Verónica, 36 anos)

“Eu gosto muito de ser quem sou, gosto de me olhar ao espelho mesmo com um pneuzinho a mais, gosto de ver o gajo ali cheio de... Da mesma forma que gosto de ver tudo limpinho, sem pelinhos, nem nada, e se for preciso tudo cintadinho e ver a gaja perfeita, ou quase perfeita, pronto. Ah, mas nada disso me leva a querer fazer a operação, ou a querer meter hormonas. Isso não me interessa mesmo nada.” (Guida, 35 anos)

De qualquer modo, independentemente do desejo, as transformações operadas no corpo não podem ser de molde a colocar em causa a expressão da masculinidade, como relata Andrea, que, com a toma esporádica de hormonas, é o caso mais extremo que encontramos entre esta população específica.

“Não posso fazer nada que dê muito nas vistas... a única coisa que faço, mas que não é uma coisa de todos os dias, é periodicamente, tomo umas pílulas, que é o Diane 35, que tem pequenas substâncias de hormonas femininas. Embora as transformações não se notem, para já pela idade, ainda por cima é uma coisa que só com muito tempo e tomando dois por dia é que isso daria algum resultado, mas dizem que o cabelo fica com mais brilho, a pele mais suave, faz crescer um bocadinho o peito, mas não é coisa que se note muito... Tomo cerca de três caixas por ano.” (Andrea Costa, 44 anos)

Os cuidados que vão sendo cada vez mais adotados são os que se têm vindo a estender progressivamente aos homens cissexuais, como, por exemplo, a depilação definitiva ou o tratamento da pele.

As transformações corporais ocorrem assim sobretudo na modalidade de “*estratégias de (dis)simulação*” ou, nas palavras de Elisa, “truques de produção”, que implica substituição daquilo que se pode pôr e tirar, não por algo permanente ou definitivo. Os símbolos corporais da feminilidade são simulados (por exemplo, com recurso a enchimentos e próteses), assim como são dissimulados ou ocultados os da masculinidade (por exemplo, os pelos).

“De certo modo essa é uma das características que marca a distinção entre *cross-dressers* e, por exemplo, travestis, os *cross-dressers* não fazem transformações tremendas. Quando fazem, alguns casos que eu conheci que fizeram, são pessoas que estão numa evolução para algo que já é mais do que *cross-dresser* e que a partir de certa altura de facto podem já ser considerados como tendo migrado para outra. Mas pronto, evidente que *cross-dresser* não faz transformações permanentes no seu corpo. Portanto, tem o corpo de homem. (...) Não quer dizer que muitos não gostassem de ter, ou pelo menos certamente gostavam de ter, se pudessem ter um botão onde carregar e aquilo voltava ao normal (risos). Assim, então, quereriam todos. (...) Faz-se com o que se pode, e portanto uma coisa é ter acesso às transformações que permitiriam ter um corpo mais feminino, mas não tendo isso, então é tudo truques de produção. É truques de produção, é *soutiens* com apetrechos, coisas para aumentar a anca e coisas do género.” (Elisa, 46 anos)

A alteração dos genitais não é aqui desejada, nem sequer ponderada, à exceção das duas pessoas que desejam migrar, as únicas para as quais o tema merece alguma consideração. Aliás, as questões sobre essa matéria contidas no inquérito por questionário foram deixadas em branco, numa lógica de “não se aplica”, mostrando, se preciso fosse, a independência entre “transgénero” e “mudança de sexo”.

#### **4. Tempos, espaços e redes de partilha da feminilidade**

Os tempos e a frequência de expressão da feminilidade variam não apenas ao sabor dos desejos pessoais, mas também (e sobretudo) das condições para a sua concretização. Como já notaram Ekins e King (2006), as oportunidades de *cross-dressing* estão dependentes da organização de vida do “oscilador”: a situação conjugal e a existência ou não de filhos, a relação com a pessoa ou pessoas com quem vive, o tipo de habitação e de trabalho, as condições económicas, a região onde reside, etc. Estes fatores podem, obviamente, variar durante a vida das pessoas, provocando alterações, por vezes drásticas, nos tempos, espaços e partilhas da feminilidade.

A expressão do *cross-dressing* pode ocorrer em várias “modalidades”, relacionadas com o espaço e os agentes de partilha. Eis algumas das que nos foram relatadas: no espaço privado, em isolamento; no espaço privado, partilhado com outros habitantes do espaço doméstico; no espaço privado, partilhado através da internet; fora do espaço privado, sem companhia; fora do espaço privado com pessoas não *cross-dresser*; fora do espaço privado em saídas organizadas coletivamente por/para pessoas *cross-dresser*; fora do espaço privado em ocasiões não relacionadas especificamente com o *cross-dressing*, onde podem variar os atores da partilha (nomeadamente, por ocasião do carnaval).

Embora a elocução possa dar a impressão de variedade, as ocasiões para o *cross-dressing* são bastante restritas, não havendo uma livre apropriação do espaço público e decorrendo, como já dissemos, na maioria das vezes, e para a maioria das pessoas, no espaço privado, partilhado (quando o é) também bastante restritamente. Se ocorre sobretudo (quando não mesmo exclusivamente) no espaço privado, as pessoas com que se partilha a vida e a intimidade desempenham um papel central (até quando desconhecem a prática). O seu conhecimento ou desconhecimento, a sua aceitação ou rejeição revelam-se decisivos. As oportunidades para o *cross-dressing* crescem na presença de atitudes empáticas, ou pelo menos tolerantes, por parte das pessoas com quem se estabelecem relações de conjugalidade. Contudo, a avaliação de uma expectável não-aceitação leva frequentemente à opção pela ocultação das incursões na feminilidade, o que implica grandes restrições no espaço, no tempo e na modalidade em que se expressa. Em casa torna-se praticamente uma impossibilidade e requer uma considerável capacidade criativa para sustentar e justificar as “saídas”, bem como a logística nelas implicada.

É consensual o desejo de partilha da feminilidade com outros, e especificamente com “outros semelhantes”, o que se cumpre sobretudo através das possibilidades oferecidas pela internet. Mas, para além da partilha virtual, a “saída” para o espaço exterior, para o espaço público, é igualmente desejada, embora abundem os relatos de que a esmagadora maioria dos praticantes desta expressão de género acabe por não o fazer. Mesmo para o reduzido núcleo duro de frequentadores das “saídas”, a periodicidade dificilmente ultrapassa, em média, uma por mês.

A habitabilidade do espaço público apresenta um risco duplo. Acresce ao risco comum a todas as formas de género trans do reconhecimento de que se trata disso mesmo (Doan, 2010), uma especificidade do *cross-dressing* do reconhecimento de que se trata daquela pessoa (“daquele homem”) em concreto. Quando a tomada do espaço público se realiza, é auto e hétero (pelos pares) avaliada como um “ato de coragem” e um indicador que reforça a identidade de *cross-dresser*. O risco é avaliado como mais reduzido quando a saída ocorre em grupo, e geralmente, dado o secretismo que envolve este modo de (trans)género, os companheiros de “saída” serão outras pessoas *cross-dresser*, com quem já se partilham outros “sítios”, os da internet. Elisa dá conta daquela que parece constituir a cronologia mais comum de “exposição CD”.

“Eu, antes de ter uma saída como *cross-dresser*, em feminino, antes de estar em lugares públicos dessa forma, passaram bastantes anos em que os meus contactos só se limitaram a conhecimentos da internet. Falar com pessoas pela internet, num caso ou noutro conheci pessoalmente pessoas também *cross-dressers*, mas o sair “*en femme*”, como nós dizemos, a primeira vez foi recente e só surgiu por existir já um grupo de pessoas que começou a organizar saídas desse género.” (Elisa, 46 anos)

As “saídas” organizadas coletivamente constituem a modalidade mais viável e segura da exibição pública da feminilidade. As “saídas” do espaço privado, as “saídas para o exterior”, que são também (pelo menos episodicamente) uma “saída do armário”, são, como todas, difíceis. São recorrentes manifestações de interesse de participação que não chegam (nunca) a concretizar-se. Eis o relato de uma dessas “saídas”, em que não participámos, enviado pela sua organizadora:

“A festa correu muito bem, embora muitas das estreates que estavam inscritas tenham acabado por não aparecer. Mas estiveram, entre cd's e travestis, cerca de 16, mais perto de 10 amigos de ambos os sexos (incluindo cd's que foram “à homem”<sup>vii</sup>). Visto de fora pode parecer que não é nada, mas neste meio é um recorde.” (05/07/2010).

Ekins e King (2006: 99-100) chamam a atenção para o duplo sentido do “passar” neste modo de trans-género. Quando “fora” do “território natural de género” pretende-se “passar”, ou seja, “ser tomado por mulher”, “não ser lido como um homem”. Isso cabe bem no uso do termo “*passing*” por Goffman (1988

[1963]) para se referir aos processos de gestão da informação, em especial para evitar a revelação (“*disclosure*”) da informação estigmatizante que pode desacreditar o ator. Embora, neste caso, estas pessoas desejem passar sobretudo pelo prazer que isso lhes dá, sem grandes preocupações de credibilidade de género. Mas, quando “regressam” têm que manter oculto o facto de terem “estado fora”, porque têm que se apresentar como homem, como masculino, como não-trans. Assim, as pessoas envolvidas em processos de oscilação de género também têm que “passar” no sentido em que a informação potencialmente estigmatizante de que estiveram numas “férias de género” tem que ser mantida em segredo. Este “passar” no segundo sentido é merecedor de maiores cuidados, é mais importante que seja bem-sucedido, não podendo haver indícios das “excursões”. Esses indícios são frequentemente revelados e partilhados *online*.

## 5. *Cross-dressing* e binarismo de género

Na “oscilação” de género, tal como na “migração”, o binarismo de género é, aparentemente, aceite (Ekins e King, 2006: 109), dado não se reivindicar um outro “lugar de género” fora do masculino e do feminino, o que faz com que o *cross-dressing* possa ser tomado como uma modalidade de trans(género) que contribui para reforçar o sistema de género dominante. Esta leitura é, porém, a nosso ver, demasiado simplista. Se pensarmos que os pressupostos básicos do sistema de sexo/género dominante estipulam que os dois géneros convencionais se excluem mutuamente, e que existe uma relação fixa entre sexo biológico e género expressado, o *cross-dressing* desafia-o claramente. Como refere Gilbert (2000, s. p.), “em alguns aspetos o *cross-dresser* é o derradeiro ‘fora da lei’ de género (*gender outlaw*). Afinal de contas, ele/ela (*sHe*, no original) vai de um género para outro, frequentemente sem ‘passar’ ou mesmo preocupar-se com isso.”

Há ainda estudos, como o de Gagné, Tewksbury e McGaughey, que apontam para o conservadorismo de género dos seus protagonistas, afirmando os autores que “A maioria das pessoas *cross-dresser* da nossa amostra apresenta opiniões muito tradicionais acerca de sexo, género e sexualidade. São homens masculinos, heterossexuais que, quando vestidos de mulher, desejam ser percebidos como mulheres femininas e heterossexuais.” (1997: 484). Ora, embora num plano mais individual e não político ou politizado, como encontramos noutras formas de transgénero, aquilo que observámos foi uma crítica ao binarismo de género e seus mecanismos de vigilância, sobretudo naquilo que é (ou melhor, não é) permitido aos homens. Há uma contestação do universo que está socialmente reservado aos homens, que conduz mesmo, nos casos mais extremos, a uma desidentificação e a um desejo de desertar da masculinidade; há, mais generalizadamente, a contestação da interdição de apropriação do feminino pelos homens; há ainda a contestação de que machos e fêmeas sejam assim tão diferentes que tenham que se expressar de modo tão distinto como o socialmente expectável; há ainda o desejo de um modelo de género mais andrógino e mais igualitário, onde a livre expressão do *self* se sobreponha às normas sociais e culturais de género.

“Eu acho que o meio social em que somos criados distingue muitas coisas, os rapazes são habituados a brincar só com certas coisas, a atuarem de determinada forma, a terem determinadas reações. As raparigas também, mas mais os rapazes. E, no fundo, somos muito mais próximos, muitas vezes nem damos por isso, mas somos muito mais próximos do que aquilo que pensamos. Algumas pessoas descobrem isso, outras, a maior parte, não descobre. Mas acho que cada vez mais se começa a notar, já se vê rapazes com determinadas peças femininas, o que não se via. Cada vez começa mais a atenuar-se esse ensinamento social dos nossos pais, da sociedade, homens e mulheres começam a aproximar-se mais.” (Andrea Costa, 44 anos)

“Nós não convivemos só com homens, nós convivemos com homens e com mulheres, porque é que havemos de assumir só um determinado tipo de postura? Se me apetece cruzar a perna de uma determinada forma, porque é que eu tenho que fazer de outra forma? Da mesma forma que uma mulher, pronto, de calças, não pode estar sentada de perna aberta, porquê? As pessoas não foram propriamente criadas como *robots*, isso é giro no *Metropolis*, que Fritz Lang, um visionário na altura, se lembrou de fazer, as pessoas quase que autómatos, fazem aquilo e acabou. Felizmente nós estamos um bocadinho à frente, somos autómatos noutras coisas, ó pá, mas quando podemos ser nós próprios, somos (...) Eu não sou homem nem sou mulher, sou uma pessoa. E as pessoas são diferentes, ponto. Acho que mesmo os gémeos siameses têm diferenças, não é? Eu, uma das coisas que quero, é a liberdade de escolha, não interessa se eu sou mais isto ou mais aquilo. Eu não tenho que controlar. Aí é que está, eu não tenho que controlar, porque é assim, sou eu! Eu não estou a trabalhar, nem para ser o gajo, nem para ser a gaja, eu

sou eu. Ou seja, vestir minissaia ou vestir calças, são coisas diferentes mas da mesma pessoa.” (Guida, 35 anos)

Estes discursos remetem-nos para as “políticas de justiça de género” (Connell, 1987), que assentam na democratização dos privilégios que ainda hoje permanecem bastante concentrados na masculinidade e reservados a quem aí se situa, mas que podem e devem também passar por uma universalização do modelo e das práticas estéticas do feminino, também ainda exclusivamente reservado às fêmeas. Regressemos à pioneira Virginia Prince, pese embora o seu provável exagerado otimismo no papel previsto para o *cross-dressing* nas transformações estruturais no sistema de género:

“A adoção de modos, roupas, atitudes e ocupações masculinas pelas mulheres foi uma das principais manifestações do Movimento de Libertação das Mulheres nos últimos trinta anos, e já nos acostumámos a isso. Mas a libertação dos homens, ou a retirada do molde do estereótipo masculino está apenas a começar – com o cabelo comprido, os colares, os brincos e o vestuário mais colorido. Mas acredito que se desenvolverá muito mais, dado que acredito que os *cross-dressers* estão na vanguarda da libertação dos homens. Por isso sugiro que se olhe para o fenómeno como uma espécie de revolução cultural pessoal que decorrerá em paralelo com as transformações nos papéis das mulheres, em vez de como uma espécie de perturbação psicológica com a qual se tem que lidar. As mulheres não perderam a sua feminilidade só porque usam calças. Do mesmo modo, os homens não perdem a sua masculinidade básica só porque usam saias e saltos altos. Eles simplesmente acrescentaram uma nova dimensão à sua personalidade total.” (Prince, 1997: 476)

E efetivamente, embora os direitos adquiridos pelas mulheres não se cinjam ao vestuário, este pode traduzir ou simbolizar essas mudanças (lembremo-nos até da queima de sutiãs pelo movimento feminista). O *cross-dressing* revela que a apropriação da estética feminina por pessoas a quem foi atribuído à nascença o sexo masculino, não implica necessariamente o desejo de prescindir do estatuto de homem ou a rejeição do universo da masculinidade, muito mais difícil de ser socialmente aceite do que a situação “oposta”.

## 6. *Cross-dressing* e (trans)género

A análise do modo de vivência e expressão de (trans)género, que, seguindo a terminologia dos próprios protagonistas, designamos de “*cross-dressing*”, contribui para evidenciar a complexidade e a diversidade incluída no “transgénero”, permitindo retirar algumas ilações para a sua compreensão. Desde logo, mostramos a *necessidade de complexificar a própria distinção entre transgénero e cisgénero*, perturbando a sua conceção como populações distintas, ao revelar como as fronteiras são permeáveis.

Contribui igualmente, como já referido, para demonstrar que a população transgénero não é adequadamente definida pela rejeição, ou mesmo afastamento, do sexo atribuído à nascença (legal e corporal), como quando se reduzem todas as formas de transgénero à modalidade “transexualidade”.

Demonstra ainda claramente que “masculino” e “feminino” não se excluem mutuamente ao nível individual, complexificando uma lógica linear de tipo “quanto mais se é feminino, menos se é masculino” ou vice-versa. Revela assim que o género não é convenientemente captado, e não deve pois assim ser representado ou concebido, na lógica de um *continuum* único, mas antes através de *continuums* paralelos (Girshick, 2008: 180-83). Ou seja, para a “expressão de género”, cujas variáveis são “masculino” e “feminino”, cada indivíduo deverá posicionar-se tanto no *continuum* que liga o “menos” ao “mais masculino”, assim como no *continuum* que liga o “menos” ao “mais feminino”, não pressupondo pois que, para todos os indivíduos, o “mais masculino” implique o “menos feminino” ou o oposto.

## Referências bibliográficas

Butler, Judith (1990). *Gender Trouble: Feminism and the Subversion of Identity*. New York and London: Routledge.

Doan, Petra L. (2010). The tyranny of gendered spaces – reflections from beyond the gender dichotomy, *Gender, Place & Culture*, Vol. 17 (5), pp. 635-654.

Connell, R. W. (1987). *Gender & Power*. Stanford: Stanford University Press.

- Ekins, Richard e Dave King (2006). *The Transgender Phenomenon*, London: Sage.
- Gagné, Patricia, Richard Tewksbury e Deanna McGaughey (1997). Coming out and crossing over: identity formation and proclamation in a transgender community, *Gender and Society*, 11 (4), pp. 478-508.
- Garber, Marjorie (1992). *Vested Interests: Cross-Dressing and Cultural Anxiety*. New York: Routledge.
- Garfinkel, Harold (1967). *Studies in Ethnomethodology*. Englewood Cliffs: Prentice-Hall.
- Gilbert, Michael ‘Miqqi Alicia’ (2000). “The Transgendered Philosopher”, *The International Journal of Transgenderism*, (Online), 4 (3), <http://www.wpath.org/journal/>.
- Girshick, Lori B. (2008). *Transgender Voices. Beyond Women and Men*. Hanover and London: University Press of New England.
- Hines, Sally (2007). *TransForming Gender. Transgender Practices of Identity, Intimacy and Care*. Bristol: The Policy Press.
- Hines, Sally (2010c). Queerly situated? Exploring negotiation of trans queer subjectivities at work and within community spaces in UK, *Gender, Place & Culture*, 17 (5), pp. 597-613.
- Monro, Surya (2010). Towards a sociology of gender diversity. In Sally Hines e Tam Sanger (edits.), *Transgender Identities. Towards a Social Analysis of Gender Diversity* (pp. 242-258). New York: Routledge.
- Prince, Virginia (1997). Seventy years in the trenches of the gender wars. In Bonnie Bullough, Vern L. Bullough e James Elias (edits.), *Gender Blending* (pp. 469-476). New York: Prometheus Books.
- Saleiro, Sandra Palma (2013). *Trans Géneros: Uma abordagem sociológica da diversidade de Género*. Tese de Doutoramento em Sociologia. Lisboa: ISCTE - Instituto Universitário de Lisboa.

---

<sup>i</sup> Plasmados na mais recente versão do documento que tem constituído a referência nos cuidados de saúde relacionados com a identidade de género, os “Standards of Care” (SOC) da World Professional Association for Transgender Health (WPATH).

<sup>ii</sup> Todos os nomes foram escolhidos pelas pessoas entrevistadas.

<sup>iii</sup> Contrastando com a ausência, até ao presente, de qualquer estrutura formal dirigida a esta categoria de género em Portugal, Prince fundou, nos EUA, em 1962, a *Foundation for Full Personality Expression*, que evoluiria, em 1976, para a ainda hoje existente *Tri-Ess (Society for the Second Self)*.

<sup>iv</sup> A consideração das diferentes temporalidades e espacialidades das identidades trans está aqui bem evidente, existindo um “corpo diurno” e um “corpo noturno”, até porque a noite se revela mais amiga das (dis)simulações de género.

<sup>v</sup> “Montagem” é a expressão utilizada por parte das próprias pessoas trans para referir os procedimentos necessários à composição da expressão estética da feminilidade.

<sup>vi</sup> Há todo um investimento, também económico, implicado no *cross-dressing*, como a aquisição de um guarda-roupa paralelo ao “oficial”, maquilhagem, perucas, até próteses mamárias, etc.

<sup>vii</sup> A ida “à homem” é uma modalidade possível de participação e é utilizada, quer para sondar antes da inauguração de uma deslocação “*en femme*”, quer quando não se conseguiram reunir as condições logísticas implicadas na participação na expressão feminina.